



No Campo

(Cliché de Alfredo Pinto (Sacavem).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 278

Braga, 26 de outubro de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de maestia actual, ou habitual (pajavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

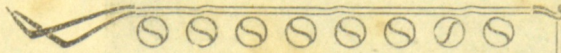
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

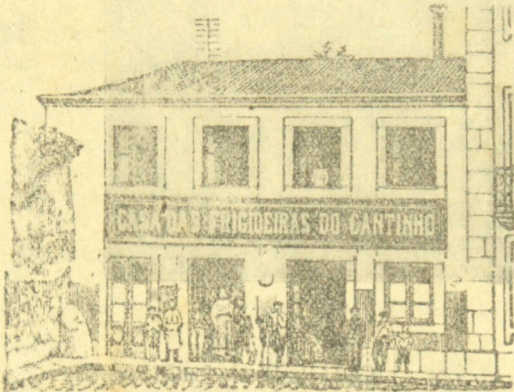
Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com abatimento de 25 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reteredo jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



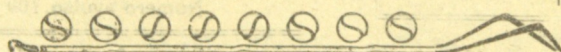
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria.

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

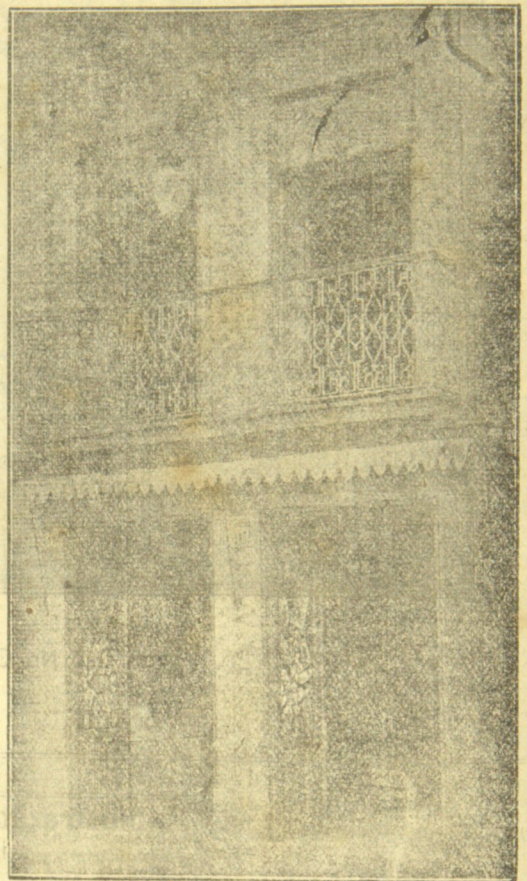
Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

D.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA

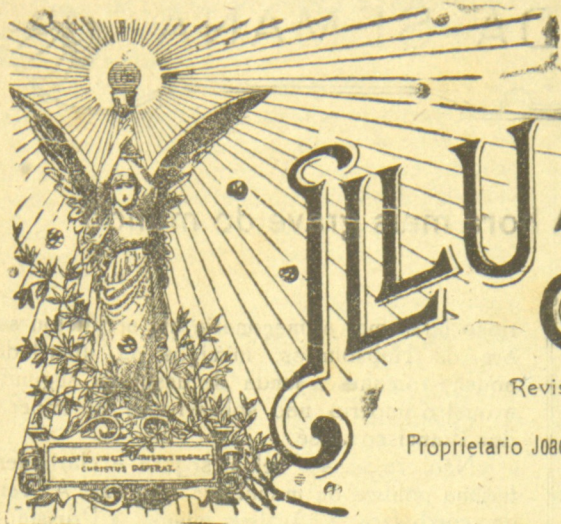


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

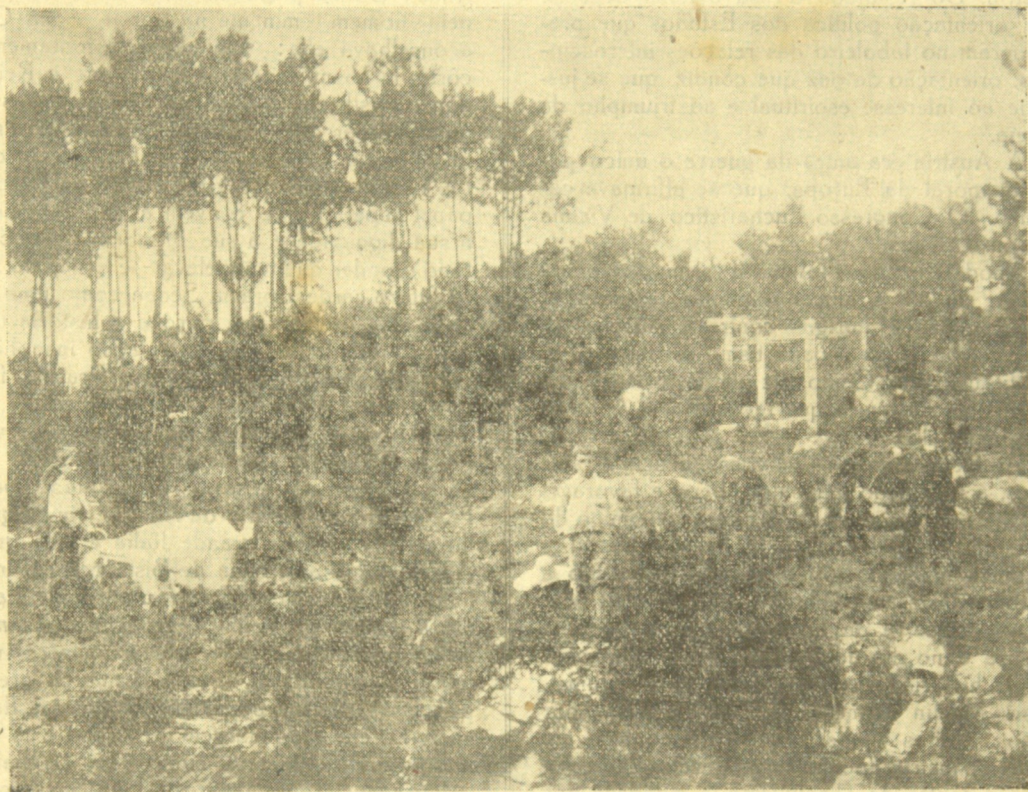
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 26 de Outubro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 278—Anno VI



O Calvario em Affife (Vianna do Castello)

(Cliché do dist. phot. am.
sr. Dias Vianna).

A hora mais grave do mundo

EU creio em que mais do que durante toda a guerra vae decidir-se agora a questão magna: *para onde caminhará o mundo?* E como sempre, d'um pequeno facto, por isso mesmo tornado grande, depende a solução salvadora ou a catastrophe. Que facto é este? Nada mais nada menos que a restauração da Austria-Hungria, como unidade politica na Europa.

Teem soado nos carrilhões do jacobinismo os sons do jubilo pela queda do velho imperio. Fieis aos dogmas da Revolução e ás ideias da philosophia liberal, jornalistas radicaes clamam de todos os recantos do mundo sobre a corôa dos Habsburgos um *vae victis* inclemente. Não é extranho este contentamento? Sem duvida. E' que chegou a hora do grande, do definitivo assalto da maçonaria, da sua batalha campal travada na França contra a Igreja, contra a Austria. Do resultado d'essa batalha depende uma orientação politica dos Estados que preponderam no taboleiro das relações internacionaes, orientação de paz que condiz, que se justapõe ao interesse espirital e ao triumpho da Igreja.

A Austria era antes da guerra o unico poder temporal da Europa, que se affirmava catholico. O Congresso Eucharistico de Vienna provou-o.

Apoderada da França, a primogenita da Igreja, em 89, a maçonaria logo assestou os seus canhões e intrigas contra a Austria. E' por isso que todo o patriotismo revolucionario é anti-austriaco. Como diz um historiador, foi o nome de *Austriaca* que levou Maria Antonieta ao cadafalso.

Ao mesmo tempo, e em consequencia d'estas ideias, a revolução maçonico-liberal é favoravel á Prussia, a patria de Frederico, o rei amigo do patriarcha Voltaire. Toda a França liberal e maçonica manteve, sob o imperio como sob a republica, esta austrophobia. Napoleão III provocava a guerra da Lombardia para vencer a Austria e, no dia de Sadowa, Paris illuminou.

Os historiadores liberaes, Michelet, Quinet, Henri Marlin alimentaram este regosijo por muitos, muitos annos. Hoje, como hontem, ahi vemos a Austria apontada nas gazetas radicaes, como o centro do absolutismo, a cidadella dos jesuitas, o travão e o escarneo do progresso. E para dar á accusação o seu quê de myste-

rioso fatalismo, a maçonaria até architectou sobre os Habsburgos, inimigos da liberdade, aquella romanesca lenda de desgraça segundo a qual o imperio não sobreviveria ao imperador Francisco José.

Não era essa a velha, segura e clarividentissima politica da monarchie franceza. A França combatera a Austria aliada á Prussia, á Sardenha e á Suecia, enquanto ella foi temivel. Abatido o poderio do rival a França viu a seu lado o rei prussiano, alliado interesseiro e pouco fiel e os outros companheiros de lucta, ingratos e rivaes, todos engrandecidos á sua sombra e á sua custa. Era em 1756. A politica de *equilibrio* ia naufragar. Então Mgr. Bernis tem a ideia salvadora designada por *derubamento das antigas alianças*. No fundo, é um *volta-face*, mas é a manutenção do equilibrio europeu. O arcebispo de Albi via com olhos de lynce! Critico profundo de toda a vida europeia, homem eminente na Igreja e na Côrte, aconselhava elle: «Unindo-se estreitamente á côrte de Vienna, pode dizer-se que o Rei mudou o systema politico da Europa; mas erra quem pensar que o systema politico da França foi alterado. O objectivo politico d'esta corôa foi, e será sempre, desempenhar na Europa o papel superior que convém á sua antiguidade, á sua dignidade e á sua grandeza: de abaixar todo o poder que tente elevar-se acima do seu. O futuro cardeal previa Sédan como uma consequencia de Sadowa, porque a historia de ha muito estabeleceu esta correlação insophismavel: uma Austria forte é uma Prussia fraca, uma Prussia forte é uma Austria fraca.

O proprio Salisbury que acceitára a victoria de Bismarck, confessava em 98: «eu creio na força vital da Austria». O resultado, para a França, do abatimento da Austria, foi surgirem-lhe ás portas uma grande Italia e uma grande Alemanha — a victoria de Bismarck em toda a linha que a Triplice consagrou por muitos annos até á traição da Italia. O *principio das nacionalidades* com que a Revolução quizera substituir o do *equilibrio*, dava a Bismarck pretexto para avassalar as populações francezas da Alsacia-Lorêna e da margem do Rheno e as dinamarquezas do imperio, como para arrebatar a independencia aos Bavaros e aos Saxonios.

Tudo isto realisou ás mil maravilhas o plano da maçonaria que para maior segurança se

apoderára da política franceza e a encanava no sentido desejado por ella, a melhor aliada de Bismarck contra a França.

Ao mesmo tempo a maçonaria creava na Italia a corrente do irredentismo, directamente visando a Austria, como é sabido, e agita-se na Europa essa nova *questão balkanica* origem, como a outra, a verdadeira, de conflictos continuos, que se chamou e chama a questão das nacionalidades slavas e hungaras do imperio catholico.

A Igreja perdêra a França e esta prestes a perder a Austria. Conseguindo o duplo objectivo, arredada a Hespanha como força preponderante, a maçonaria facilmente levantára a questão romana que para ella é a expulsão do papa de Roma. Não invento. Isto mesmo foi revelado incautamente pelo L. Ferri em 1914 n'uma entrevista.

Wilson, um Lenine civilisado e autocrata, deu de Washington o grito de revolta ás nacionalidades do imperio, e á custa, só á custa d'essa revolta, a Italia pode dizer que não foi vencida no resultado final d'esta conflagração.

Jacques Bainville, no seu sempre actual *Le Coup d'Agadir*, d'onde colhemos muitas notas para estas considerações, analysava bem o que vale essa politica de libertação das nacionalidades n'uma luminosa pagina de 1912 que, escripta por um francez, vale immenso no presente momento:

Heterogêneos que são, esses povos não vivem tão mal sob o sceptro dos Habsburgos, e como os trapos do outro, o seu manto de Arlequin poderia custar-lhes mais caro do que se julga. Por exemplo, os Magiães podem supportar acharem-se sózinhos em frente da Russia (1) e dos Slavs? Certas recordações de 1849 permitem-nos duvidar. Os Tchecos, reduzidos a si mesmos, viveriam sem inquietações? Elles bem sabem que a Bohemia não pôde manter-se livre. A Polonia austriaca, a mais feliz das Polonios, não tem desejos de soffrer nem o regime prussiano nem o regime slavo. Quanto ao restante das nacionalidades que compõem a monarchia dualista, propoem-se repartil-o entre uma Romenia e uma Servia que assim ficariam tão consideravelmente engrandecidas, que seria preciso dar logo de presente Trieste aos Italianos e todos os allemães da Austria á Allemanha. O' obra-prima da politica! Um reino italiano com contra-pêso e senhor de todo o mar: um imperio allemão povoado por cerca de 80 milhões de habitantes, ambos em frente

(1) Não se allegue que a Russia se fraccionou. O pensamento felizmente dominante na Entente é que ella vá pôr ordem nos dominios do Czar e reconstruir a nacionalidade, esmagando pelas armas os bolchevikis.

d'uma poeirada de pequenos e médios Estados tcheco, magiar, servio, grego, romeno, etc... Eis os delirios de ebrio que um jornal de Paris propõe aos francezes: . . . Demolir a Austria! »

E agora pergunta-se: que vae fazer a França, de quem n'esta hora dependem os destinos do mundo com os seus proprios d'ella? Verá agora o tremendo erro que commetteu deixando emagrar Pio IX e alentando essa enorme phantasia maçonica que se chama a *Italia Una*? A Allemanha passou a ser *agora*, com a dissolução da Austria e o dominio do radicalismo revolucionario no governo francez, uma das tres grandes cartas que a seita anarchisadora tem na mão para jogar contra a Igreja, sobre o *tapis vert* da Conferencia da Paz onde tentará tudo para que o Papa não esteja lá representado, antes fique de fóra a receber a sentença das potencias, como um réo.

Eu creio firmemente no *non prevalebunt!*

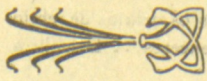
Mas a Igreja vae soffrer o grande assalto da maçonaria. Os destinos da França estão mais do que nunca unidos aos d'Elle. E se a França — *gesta Dei per francos!* — reage, a politica conservadora triumphará em toda a Europa, em todo o mundo, embora dentro da nova ordem economica que vae surgir. Se a França não quer cumprir a sua missão, se não se recorda de que é a primogenita da Igreja, fracassará, cairá ao mais baixo que internacionalmente tem cahido sob a republica, o 3.º imperio e as monarchias liberaes, deante das tres grandes obras maçonicas (uma Allemanha forte, uma Italia dominadora, uma Austria dividida) (1) e a politica geral do mundo soffrerá os embates do socialismo e da anarchia, por gradações, até chegar ao cáos russo actual — o grande aviso que Deus poz ante os olhos dos povos para que torcessem caminho!

Eis, a meu ver, a questão candente. Aos homens de fé catholica só ha um dever n'este momento: *unirem-se em todo o mundo ao Vigario de Christo*, e pedir a Deus que a França resurja para a sua gloriosa tradição nacional e catholica!

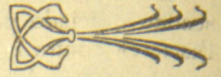
F. V.

(1) A Inglaterra, com a sua enorme experiencia politica de grande Carthago, segundo a phrase orgulhosa de Chamberlain, — a cooperação dos *Dominions* no governo do maior imperio do mundo, — passou a ter na Europa d'amanhã como [que uma vida aparte, sem directa influencia no problema. No dia em que o imperio ruir — e não é difficil prevê-lo — a Europa nada soffrerá. A experiencia actual da Inglaterra visa a adiar a catastrophe.





VIDA INTENSA



Por J. de Faria Machado.

D'Hespanha.

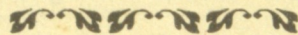


UEM vem de la Toja por Pontevedra caminho de Portugal não resiste a um desvio em *Porriño*, galga o alto do *Confurco*, ladea a alegre *Puentareas*, espenejada e branca, como uma ermida em festa e cahe em Mondariz. E digo cahir, porque em Trancoso, povo já visinho do grande Balneario, quando o automovel desce gélere a ladeira em curva, orlada d'hoteis e de fondas, a gente mal relanceia os olhos e já se encontra no parque illuminado do grande Hotel, rez-vez das suas *ferrasses* magestosas, onde nos aguarda uma fila grave de creados fardados, como se nos fivessemos despenhado d'um dirigivel, ou deslocado d'uma nuvem, como o romantico Cyrano. E como mal repon-tasse á curva o nosso carro, o porteiro fivesse soprado na trompa de caça, senão um *halalih* pelos menos um sonóro aviso, a população elegante do elegante Balneario acudiu ao *hall* e ás *ferrasses* a vêr o recém-vindo, contribuindo assim para o aspecto d'encantamento que nos surprehende á chegada, tendo de romper por entre essa alegre ranchada de raparigas alegres chalrando e rindo e até, porque não, *haciendo su bromita* da nossa *gabarine* ou do nosso kepi amachucado. Transposto o *hall* simples com os seus bancos pollidos, encontramos perante a escadaria nobre, abrindo em dois lanços cheios d'elegancia, uma verdadeira obra prima de construcção, com as suas paredes apaineladas em gessos sobrios, onde ha primores dos ignorados trolhas portuguezes d'Affife. Composta a nossa *toilette* descemos á *cour*, um tanto sombria como a galeria d'um *podri-dero*, com as suas paredes simples ornadas de gravuras velhas, e entramos no amplo comedor. É' um vasto salão, onde o escuro predomina, sem a frescura clara e leve do salão da Toja, mas sobrio e magestoso, no seu *lambri* de madeira pollida, na sua vasta galeria, nos seus tectos encaixotados e nobres, um pouco na maneira hollandesa das velhas pousadas de novella. Muita luz, muita *toilette* esplendente e fresca, como primaveras de sonho e tudo aquillo se anima, reconforta e encanta surprehendente e acolhedor, n'um espectáculo magnifico de colorido a que não falta mesmo, ao lado dos *smockings* e dos vestidos claros, a nota severa das vestes roxas d'um prelado hespanhol que a

um canto, muifo tranquillamente, come o seu jantar. O salão de festas, onde um sexteto nos delicia e tambem o vastissimo de magnifico mobiliario imperio, branco e oiro — d'um lado um *scenario* vasto, do outro um fogão solemne e convidativo.

Assistimos a um eterno *rigondon* *hechamos un parrafo* com um ou dois conhecidos e vã de dormir que é preciso madrugar, pois partiremos depois d'almoço. E foi d'um somno aquella noite, talvez entremeada de sonhos a que não faltou um *manton* e um par de *clavelles* ante os quaes todo nos sentimos um tanto quixotes, mas que, Deus bemdito, foi delicioso e retemperante. Baliaam as nove quando abri a janella do quarto e olhei a paisagem polvilhada de sol, esplendente de luz, como uma tela de Malhõa, e não posso esconder que a mim proprio, velho conhecido de Mondariz, antigo e entendido admirador das suas bellas, me fascinou aquelle espectáculo grandioso e bello. O Hotel que se reparte em tres grandes corpos salientes, de pedra severa, imerge d'um massiço de verdura, com o seu ar de castellão senhoril, que domina e impera como nos idos tempos de lenda e cavallaria. Em cima, na lomba da serra ficam as ruinas de Trancoso, velho *castello* lendario, que foi da casa de Sottomayor e por compra, passou para o Conde de Torcedera, que, em verdade se diga, o deixa n'um abandono cruel. Mais lá para baixo, entre a verdura, a pequena capella del *Carmen*, coroando o parque do Balneario e logo descemos para a fonte edificio magestoso em construcção, que apenas possui algumas collossaes columnas de granito da região, que tem uma patine *admiravel* como um marmore exótico. Fóra do parque trabalha-se afanosamente no novo Hotel-Balneario, que será um primor de conforto e de luxo, onde me parece ver ainda, dirigindo, fiscalizando, presidindo, entre sorrisos ou entre pragas, a figura de Enrique Peinador, a alma-mater de tu do aquillo, o gallego emprehendedor, e bisarro que fez d'um silvado um parque de sonho, que transformou um casebre n'um palacio magnifico, tão precocemente roubado á sua obra e ao carinho dos seus.

Outro gallego illustre cheio d'energia e de vontade, que luctou e venceu, *por su patria chica*.





DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BRESSO DA FALPERRA.

LIX



ão se poderá dizer que o título d'este serão não seja appetitoso! Um bilharista cego! Pode lá ser?! Tem-se visto cegos ler, tocar piano, pintar, distribuir jornaes e prospectos pelas ruas de grandes cidades, executarem trabalhos manuaes com inxcedível perfeição. Ha exemplos de cegos que fizeram cursos superiores, como o nosso Castilho, cego desde os seis annos, e a famosissima Helena Keller, cuja vida anda traduzida em quasi todas as linguas, e que foi o assombro do mundo inteiro.

Mas um cego ao bilhar excede a nossa imaginação! Comtudo, é a pura verdade, e tão interessante me pareceu que o caso aqui fica intercalado n'estes serões amenos.

O extranho caso chegou ao meu conhecimento pelo *Weekly Dispatch*, de Londres, de 22 de setembro ultimo, pag. 3. Eis o que diz o jornal londrino:

«A *Sporting Life* narra a maneira maravilhosa como um soldado cego joga o bilhar. O sargento-mór Shawl, do Yorkshire que estava com o regimento da Princeza Patricia na segunda batalha de Ypres, e n'ella perdeu a vista em virtude de gravissima ferida, é o heroe d'esta historia.

Antes de o attingir a cegueira, o sargento-mór era optimo jogador de bilhar e apaixonadissimo por este jogo. Durante a sua convalescença travou relações com o proprietario de um hotel de Maida Vale. Não sabendo como passar o tempo, pegou n'um taco e começou a picar as bolas de um para outro lado. N'essa altura tinha que tocar nas bolas antes de as picar.

Foi depois recebido no albergue S.^t Dunstons, em Regent's Park, onde as suas faculdades de observação se desenvolveram sob a melhor direcção.

Emquanto outros estavam jogando ao bilhar, o sargento-mór Shawl, no seu logar sentado, inclinava-se para a frente e habituava o ouvido aos varios contactos dos golpes e a pouco e pouco podia de facto ouvir o rolar das bolas sobre o tapete do bilhar.

D'este modo desenvolveu-se-lhe até um grau extraordinario o ouvido, e depois já podia, dentro de limites razoaveis de distancia, localizar as bolas.

Ao mesmo tempo que o ouvido, foi-se-lhe desenvolvendo o tacto, até que ponde acercar-se da meza do bilhar, e por meio das mãos localizar exactamente a situação das bolas sem lhes tocar. Shawl lograva assim sentir a bola, precisamente como qualquer pessoa, n'um quarto ás escuras pode dizer pelo sentido quando está perto d'uma parede. Shawl descreve aquillo como uma sensação de frialdade.

Antes de vibrar o golpe, o sargento-mór Shawl verifica bem a exacta situação de cada uma das tres bolas, sem tocar em nenhuma d'ellas. Quando se encontram a uma ou duas pollegadas de uma bola, os seus dedos sentem a sua grande proximidade, e raras vezes lhe acontece tocar na bola ao verificar a sua situação. E consegue assim fazer séries de oito e dez carambolas com notavel regularidade!»

Se não se tratasse de uma revista desportiva ingleza muito séria, eu não acreditava!

Um bilharista cego!

É que realmente o caso passa das marcas! Ora experimentem os leitores devotos do bilhar. Não é preciso irem á guerra perder a vista — que nem já chegoriam a tempo. Tapem os olhos como para jogar á cabra-cega, peguem no taco, e comecem a apreadizagem. Se lhes não custar escrevam-nos em postal o resultado!

Carambolas a olhos fechados, não lembrava ao mafar rico!

E mais elle ás vezes tem artes de as armar bem boas. O mesmo jornal de Londres, *Weekly Dispatch*, dá noticia de um encontro, não entre três bolas mas entre duas pessoas, que nos não parece menos extraordinario que uma carambola de cego.

Ora leiam:

«Uma coincidencia notavel acaba de dar-se a semana passada na Casa de Repouso dos Soldados e Marinheiros, em Crewe.

Dois irmãos, da Australia, que já se não viam ha doze annos, encontraram-se em camas postas lado a lado na Casa de Repouso. Um pertencia á marinha e o outro ao exercito. O encontro d'elles foi uma feliz surpresa.

Um estava gozando o seu ultimo dia de licença e o outro estava no gozo do seu primeiro dia.»

Que tal?

Carambola bôa se deu commigo e com o meu bom amigo dr. Carlos Braga, tambem em Inglaterra.

Em 1910, nos ultimos dias de dezembro, soube em Vigo que o meu bom amigo embarcava para ir, por Inglaterra visitar um filho a Gand. Eu tinha tambem já comprado o meu bilhete para Londres; mas como ignoravamos a coincidencia das viagens, elle seguiu num vapor, creio que era o *Cap Ortegai*, e eu no *Clyde*, da Mala Real. Elle ia a Liverpool e eu a Southampton.

Lamentamos a separação e no dia seguinte embarcamos, mas, com a pressa, esquecemo-nos de marcar o encontro em Londres.

E lá seguimos, com varias horas de distancia, cada um ao seu destino.

Pois bem: dias depois, n'uma manhã de janeiro, de densa bruma, na maior praça de Londres, *Trafalgar Square*, no meio d'aquelle formigueiro de milhares de pessoas, que a poucos passos, com a nevoa, já se não viam, vi eu, com espanto não menor que o prazer, surgir da bruma, caminhando para mim, no mesmo passeio, a figura do dr. Carlos Braga!!!

Atiramo-nos um ao outro, n'um abraço meridional, e celebramos o feliz encontro n'um restaurante onde se comia e fallava á italiana, na Wardour Street.

Foi então que eu tive occasião de apreciar quanto vale o ensino das linguas em Portugal. Quando desembarquei em Inglaterra, com o inglez que de cá levava, tive a impressão de que o navio se enganare, desembarcando-me na Noruega!

Supplica ao sol

(A' distinctissima poetisa Ex.^{ma} Senhora D. Zulmira de Mello,
em homenagem ao seu brilhante talento.)

*Sol d'estio, não fujas, pára... e escuta
De um coração as queixas torturado;
Dá luz ao bello rosto anuviado...
E que essa luz animo e paz lhe incuta.*

*Alma que soffre e com seu fado lucha,
O teu soccorro pede, sol doirado:
E's o pharol do amante apaixonado,
Ao triste dás prazer, — Luz impolluta!*

*'Oh! não te vás...; — á lua diz que espere...
Porque a Dôr, vindo a noite, mais a fere,
— Sol d'estio, alivia o seu penar!...*

*Doira, no Cemiterio, as flôres do goivo,
Que a campa cobrem do inditoso noivo, (?...)
Ama os que soffrem e que ensinaste a amar!...*

Antonio Vaz Pinto.

— (Veja-se o soneto «Goivos» publicado na «Ilustração Catholica», de 7 de abril de 1917.)

A caridade

(A' Ex.^{ma} Senhora D. Carolina
Franco da Silva).

*Quando na rua passa — de ar humilde —
O Pobre, velho ou novo, a ella corre.
O oiro não possui de Rotschild,
Mas ella a todos dá, todos soccorre.*

*Tem a alma piedosa de Clotilde, (1)
— Rainha e santa — ella á miseria occorre.
E' nas suas virtudes, qual Mathilde, (2)
Coração que, morrendo, nunca morre...*

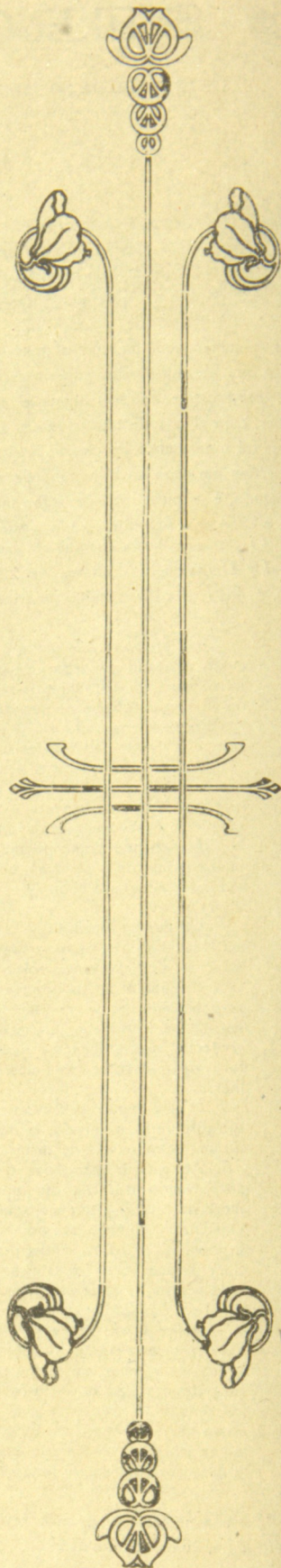
*Feliz de quem assim consola o triste,
De quem aos rogos da Pobreza, assiste,
Feliz de quem protege, ama a Orphandade.*

*Feliz! porque apóz esta ha outra vida...
E só a alcança quem lhes deu guarida,
Quem o Bem praticou, — a caridade.*

Antonio Vaz Pinto.

(1) Clotilde (Santa) esposa de Clovis, fundador da monarchia franceza, para a conversão do qual ella concorreu, fallecendo em Tours no anno de 545.

(2) Mathilde (Santa) esposa de Henrique I, rei de Inglaterra, que, sendo o exemplar de todas as virtudes, morreu em 1118.



CANÇÃO DAS AZENHAS

A Luiz de Almeida Braga

DE pedra tosca as Azenhas, branquinhas ou mesmo negras, quer revestidas de musgo ou de oliveiras cercadas, ensombradas por salgueiros ou requeimadas do sol, vivem em terras do Lima saciando sua sêde nas aguas mansas, correntes, dos reguinhos ou regatos onde cantam seus louvores as rodas no seu rodar. . .

Cantam canções as Azenhas nas terras do meigo Lima debruçadas com cuidado nas beiradas dos regatos.

Cantam canções aos salgueiros. . . cantam cantigas ás aguas. . .

Aos homens com seu cantar vão animando ao trabalho, ao santo amanho das terras.

Que se o homem não trabalha no grangeio dos trigaes, amanhando milheiraes, a pobre Azenha já fica sem poder cantar cantigas.

Ao Santo Deus lá do Ceu, são precés suas cantigas!

No seu andar magoado, mas constante e resignado, a roda pede ao Senhor fartura na novidade.

Mas em seu eterno andar, de encontro ás aguas que correm, que levam infinda viagem, a pobresinha não diz lamentos das sua sorte: não mostra inveja das aguas que vão longe a correr mundo: não sente a dor da prisão, que sente lei ao trabalho.

E em sua fé conformada, não chora por força das aguas no tempo frio de inverno.

Lá anda sempre a rodar, lá anda no seu cantar A Roda Grande da Azenha. E as outras mais pequeninas, escondidas lá por dentro, cantando lá vão louvando a sorte que Deus lhe deu.

Bem dita seja a ventura de levar a vida inteira em constante rodopio!

Abençoado rodar das rodinhas do moinho que fazem andar á roda a pedra da mó também!

E no seu andar á roda a mó fina de granito vae dando tanto comer ás gentes das terras em derredor. . .

A mó vae moendo, moendo lentamente. . . A mó vae rezando, ciciando suas rezas. . . Os milheiros do Senhor que um por um vão caindo são contas de rosario, do Rosario das Canceiras, que a mó leva a passar no passar do anno inteiro.

Aquella fina farinha, tão doce, tão perfumada, é a santa paga do Ceu, a Oração do Trabalho.

Canta a mó devagarinho, muito baixo, na mesma e meiga toada suas precés bem sentidas.

Andam as rodas á roda no seu continuo Louvor.

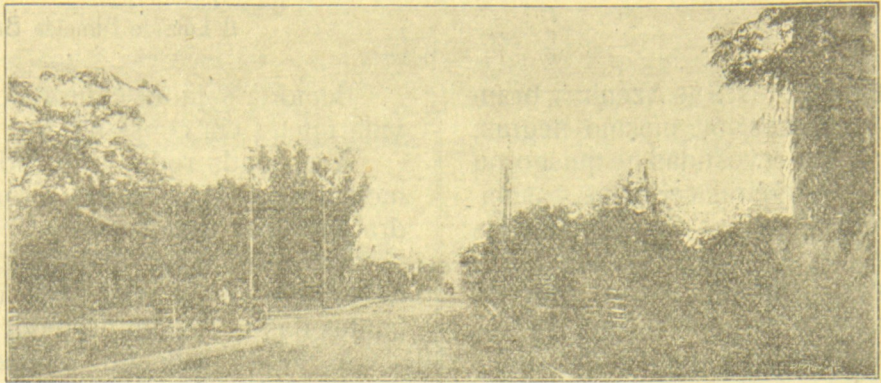
A Azenha é templo sagrado onde canticos se cantam em honra a Nosso Senhor, com honra na boa gente das terras boas do Lima.

De pedra tosca as Azenhas, branquinhas ou mesmo negras, quer revestidas de musgo ou de oliveiras cercadas, ensombradas por salgueiros ou requeimadas do Sol, vivem em terras do Lima saciando sua sêde nas aguas mansas, correntes, dos reguinhos ou regatos onde cantam seus louvores as rodas no seu Rodar. . .

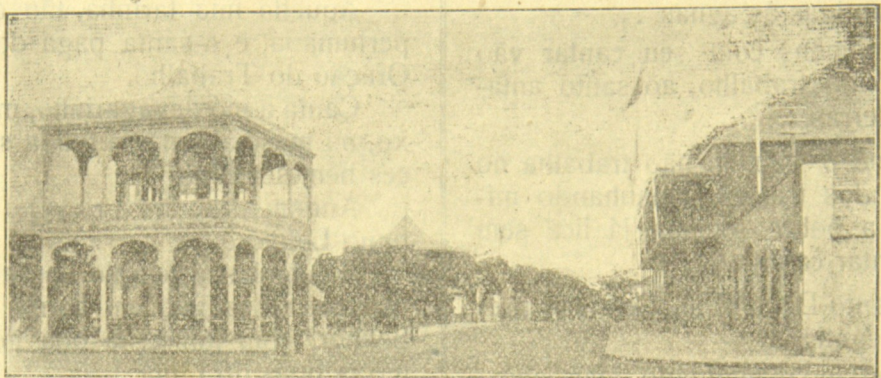
Escrepto em terras de Santa Martha de Portuzello, com ensinanças da sua boa gente, aos vinte e tres do mez de Julho do anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil novecentos e dezoito.

Arthur de Santiago Maciel.

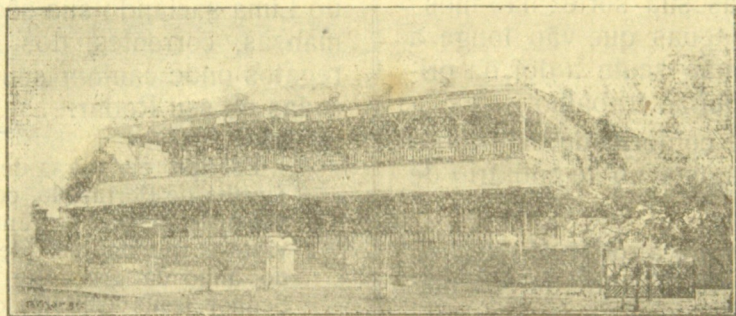
AFRICA PORTUGUEZA



Lourenço Marques — Avenida D. Manuel.



Praça 7 de Março e rua D. Luiz.



O Club.

Guerra europeia



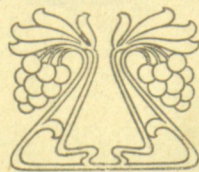
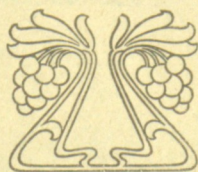
Uma povoação francesa destruída pelos alemães.



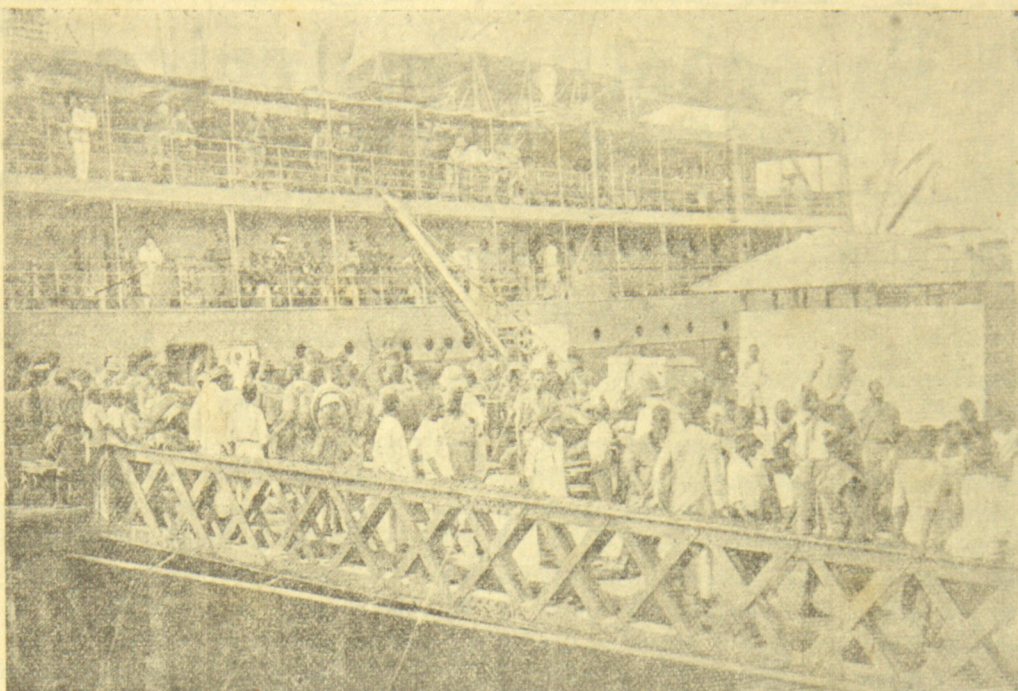
Um coronel canadiano dando instruções aos oficiais e subalternos para repellar um ataque dos alemães.



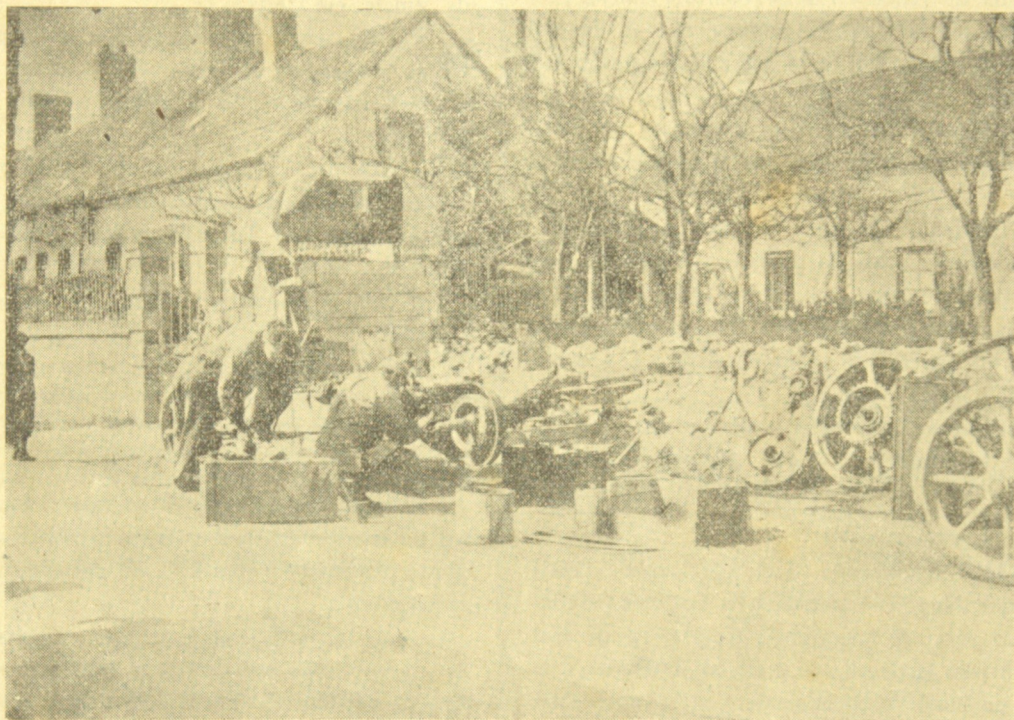
Soldados servios assistindo a um espectáculo, ao ar livre, dado em sua honra na Macédonia.



Um grupo de soldados convalescentes n'um hospital inglez expondo os seus trabalhos feitos durante as horas de repouso.



Embarque de tropas coloniais que regressam à Europa depois de terem batido as forças allemãs na África Occidental.



Uma officina de reparações de carros automoveis utilizados pelos militares francezes na retaguarda da linha de fogo.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Capa e espada

Seguidamente á derrota dos seccionarios, a Convenção ordenou o desarmamento dos habitantes de Pariz, não podendo ser conservada nas casas particulares nenhuma arma de qualquer especie que fosse. Uma manhã apresentou-se ao general Bonaparte um menino de treze annos que reclamava, chorando, a espada de seu pae, general da republica, cujo valor e fidelidade recebera em paga o cadafalso. Era Eugenio Beauharnais. A espada foi restituída. Madame Beauharnais, que era uma encantadora mulher, quiz agradecer a Bonaparte este favor e do encontro nasceu o amor e o projecto de casamento, que se celebrou a 9 de março de 1796. Alguns amigos de madame Beauharnais estranharam, tendo ella vinte e cinco mil francos de renda casar-se com um official pobre. O seu tabelião, Raguideau, que ao depois o foi do imperador, fez á sua cliente esta observação:

— Como vos decidiste a esposar um soldado que não tem mais que a capa e a espada?

Napoleão, que estava na sala immediata, cuja porta estava aberta, pareceu não ter ouvido, mas passados oito annos, em 1804, no dia da sua coroação, mostrando a Raguideau o manto imperial coberto de abalhas de ouro e a espada de Carlos Magno:

— Aqui está a capa e ali a espada.

A gorda revolucionaria

O 13 vendimiario (5 de Outubro de 1795) em que Napoleão defendeu a convenção contra as secções insurgidas, elevou-o a general de divisão e deu-lhe o governo de Pariz. Elle tem de lutar especialmente contra a carestia dos generos, pois que a toda a hora as casas de viveres e padarias eram assaltadas. Um dia

que elle e o seu estado maior estavam numa rua encontrou-se com uma multidão commandada por uma mulher a gritar enfurecida. Essa mulher que era d'uma enorme gordura, sai á frente de Napoleão e vocifera:

— Todos estes macacos dourados andam aqui a troçar da nossa miseria. Emquanto nós estamos magros e famintos, elles engordam!

— O' mulher, olha bem para mim e diz depois qual de nós é mais magro!

Elle era então muito magro.

O dito general foi acolhido com uma gargalhada e a virago teve de fugir.

Jogo de espirito

O ministro Turgot fui um dia ver Voltaire, e encontrar-se com elle em casa do Marquez de Villete, em Paris.

— Ah! Bemvindo, snr. Turgot, diz Voltaire. Como passaes de saude?

— Custa-me muito a andar, a gotta atormenta-me.

— Senhores, exclamou Voltaire, dirigindo-se aos cavalheiros que estavam presentes, sempre que vejo snr. Turgot, creio ver Nabuchodonosor.

— Sim, replicou o ministro, com os pés *d'argilla*.

— É a cabeça *d'ouro*, replicou o poeta.

O luxo

A imperatriz Josephina, indignada com o luxo ridiculo d'uma mulher de alta nobreza, que muito desejava ser recebida na cõrte de Napoleão, disse:

— Já reparaste, Bonaparte, em madame X... que toma ares de quem traz dois soldados de caçadores atraz da carruagem?

— Não são soldados de caçadores, são caçadores furtivos.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da *Coleção Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grêves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, olhos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1598—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Ilustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DA

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA